

DA TRANSILVÂNIA A LONDRES VITORIANA: A PROPAGAÇÃO DA DECADÊNCIA ATRAVÉS DOS FLUÍDOS CORPORAIS EM *DRÁCULA*

Sabrina Mesquita Rezende¹

Alexander Meireles Silva²

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar uma análise da obra *Dracula* (1897), de Bram Stoker, demonstrando que os fluídos corporais (sangue/sêmen) representam elementos que engendram a decadência e promovem a ruína das vítimas que se deparam com o monstro. Assim, os monstros vampíricos e decadentes, ao experimentarem a flanação e o artifício como obtenção de prazer, se apropriam destes fluídos caros a sociedade. Sangue e sêmen, perpetuadores e mantenedores da vida, uma vez que inseridos no *status quo* possibilita o compartilhamento de alianças e poderes. Quando são ressignificados em mãos transgressoras, transformam-se em fluídos dessacralizados, espalhando a mensagem apocalíptica da ruína e exercitando o simulacro. Nesse sentido, o ser decadente age atraído pela manifestação de perversões, taras e nevroses, como forma de realização de sensações e gozo configurados através dos fluídos corporais humanos. Para tanto, este trabalho vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG- Regional Catalão recorrerá ao suporte teórico baseado em: Barros (2014), Cohen (2011), Craft(2015), Foucault (1999), Levin (1996), Mucci (1994), entre outros.

Palavras-chaves: Fluídos Corporais; Sangue; Sêmen.

From Transylvania to the Victorian London: the spread of decline through fluids body in *Dracula*

ABSTRACT: This work aims to present an analysis of the work *Dracula* (1897), by Bram Stoker, demonstrating that the body fluids (blood/semen) represent elements that promote decadence and the ruin of their victims that face the monster. Thus, the vampire and decaying monsters, when experiencing strolling and artifice as a way to achieve pleasure take ownership of these valuable fluids to society. Blood and semen, perpetrators and keepers of life, once inserted in the status quo, enable the sharing of alliances and power. When these elements are reinterpreted in transgressive hands, they become desecrated fluids spreading the apocalyptic message of ruin and exercising the simulacrum. In this sense the decadent being acts attracted by the manifestation of perversions, as embodiment of sensations and fulfillment of enjoyment through the human body fluids. Therefore this work linked to the research conducted in the Master of Language Studies of UFG- Regional Catalão, recourses to the

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística (UAELL) da UFG/Regional Catalão. sabrina-meskita@hotmail.com

² Docente do Mestrado em Estudos da Linguagem, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística (UAELL) da UFG/Regional Catalão. prof.alexms@gmail.com

theoretical support based on: Barros (2014), Cohen (2011), Craft (2015), Foucault (1996), Jones (2015), Levin (1996), (2011), Mucci (1994), among others.

Keywords: Body Fluids; blood; semen.

1. Os monstros finisseculares: propagadores da ruína

É perceptível a presença marcante de seres que ocupam um espaço fronteiro entre a regulação social e um ambiente livre na estética finissecular. Assim, diante da postura artística decadentista como nova possibilidade de sentir um mundo que culminará em ruínas, podemos compreender o vampiro como principal propagador da decadência, característica esta que se destacou no ambiente finissecular e na produção literária europeia, principalmente, como este artigo visa demonstrar, quando diz respeito à obra em estudo *Drácula* (1897). Neste quadro, o vampiro como criatura transgressora subverte a institucionalização das relações sociais para garantir a realização do seu prazer através do sangue, ao qual é atribuído de grande valor, conferindo uma dimensão de perpetuação de poder no *status quo*. Entretanto, no momento em que o monstro toma para si esse repositório tão caro socialmente, ele inverte o seu valor configurando-o em um instrumento de gozo no corpo monstruoso destituído de ordem social. Nesse contexto, o morto-vivo como ser excludente e que não mais se adequa às normas regulatórias, constrói seu próprio universo contaminado de artificialismo, taras e perversões, de modo a garantir o seu gozo.

Concomitantemente, o sêmen também representa um dispositivo valoroso que pode metaforizar tanto proteção, poder quanto culminar em decadência. Nesse sentido, temos a tríplice: sangue\sêmen\sexo. Esta é responsável por estabelecer uma relação binária entre regulação e libertação, ou seja, a tríplice já mencionada será atribuída de legitimação quando inserida no mundo convencional, uma vez que, endossará toda a engrenagem interdita da prescrição e proscrição em torno do prazer e sexo.

No entanto, no momento que estamos diante de um ambiente fronteiro e livre de regras fixas, a tríplice transfigura-se em veículo de novas sensações e uma nova perspectiva para o ser decadente e vampírico que abolindo de um universo prescrito empreende a sua errância em busca da construção em uma terra agreste contaminada de artificialismo, resultando no gozo do decadente através dos fluídos corporais.

Podemos diagnosticar que, os monstros finisseculares flertam com sadismo e diabolismo, pois, estabelecem um novo ideal para suas vidas, não mais metas sociais, mas sim, um parâmetro insaciável de prazer num corpo de um misógino enclausurado na sua própria subjetividade. E estes elementos estão intrinsecamente relacionados com as obras em estudo.

Assim, diante da relevância do estudo em foco, analisaremos os elementos sangue\sêmen como dispositivos que conduzem tanto a vida como a sua extinção, vinculados a relação entre vampirismo e decadentismo e mundo artificial tão em voga na literatura finissecular do século XIX. Para tanto apoiaremos nos pressupostos teóricos de: Barros (2014), Cohen (2011), Craft (2015), Foucault (1996), Jones (2015), Levin (1996), (2011), Mucci (1994), entre outros.

2. O gozo do ser de fronteira

O vampiro, criatura que corporifica culturalmente o lado obscuro do ser humano, remete às dimensões desconhecidas entre vida e morte, desejo e medo. Assim, subversor por natureza, desafia o *status quo* vigente a garantir a manifestação ambígua de seu corpo cultural. Como força transgressora ela surgirá em contextos finisseculares por ser um período em que ideologias estão em transição para ceder espaço a outras (SILVA, 2011, p.2). Especificamente no contexto focado neste estudo, tal quadro foi decorrente de uma série de acontecimentos que minaram as certezas sociais do mundo vitoriano, tais como o impacto das ideias evolucionistas de Darwin, as pesquisas de Freud sobre o inconsciente e as complexas transformações socioeconômicas promovidas pela Revolução Industrial. Dentro dessa perspectiva, em que “tudo o que é sólido desmancha no ar” (MARX *apud* BERMAN, 1986, p.15), o vampiro se coloca como a incorporação da modernidade transitória vivenciada pelo homem de fim de século, cuja falta de certezas o leva a desenvolver uma postura cética em relação ao mundo, restando apenas a busca por sensações e prazer, incluindo aí aquela advinda da corrupção dos valores burgueses. Não à toa, o vampiro literário tem suas raízes no Romantismo. Como destaca Mario Praz sobre esse ponto, “o vampiro é uma variante do homem fatal romântico, inspirado em Lord Byron: nobre, belo, misterioso e decaído, ele seduz e destrói as suas vítimas” (PRAZ *apud* BARROS, 2012, p.2). Nesse elo entre o modelo

romântico e o vampiro, temos o sangue como principal veículo de novas sensações, bem como o sêmen, e ambos possibilitarão novas experimentações. No entanto, quando consideramos que o vampiro e o ser decadente tomam para si elementos de grande valor para a sociedade, esse ato ganha dimensões sexuais e de violência social, o que traz um vínculo com a postura artística do Decadentismo e sua ênfase na busca de sensações muitas vezes vinculadas ao sadismo e ao satanismo.

É notável a inferência desses elementos no romance *Drácula* os quais se constituem como narrativas pautadas pela instalação de um desalento e pessimismo pelo universo sob a ótica da estética decadentista vinculada ao vampirismo, que se manifesta no corpo bifurcado do monstro. O vampiro como criatura dual vive num entre-lugar experimentando sua flanêrie e dandismo num espaço subversor sem regras fixas e onde o prazer corre solto.

Por conseguinte, o gozo do monstro se concretiza através do sangue e sêmen, fluídos estes que possuem alto valor na Sociedade, e, como criatura que transgride os convencionalismos sociais, atacará a ordem por via sanguinária e sexual. Assim, os fluídos sangue/sêmen, imbuídos de valor sexual possibilitará novas sensações como resultado à abdicação e desalento dos decadentes pela sociedade, configurando o prazer por meio do diabolismo e sadismo, sob o viés do corpo vampírico.

3. Drácula e seu paraíso sanguíneo

O romance *Drácula* traz a estória do grande flâneur atemporal, que farto de se isolar em seu castelo na Transilvânia decide transferir seu loco de atuação na Londres Vitoriana, um lugar que tem todos os requisitos que fascinam o ser decadente - uma cidade que cheira à degeneração e ruína. E assim, representa o ambiente ideal para alicerçar o seu universo artificial:

[...] como o escritor filósofo a que alude Umberto Eco, o decadentista intuiu “as intrigas do *Zeitgeist*” e constituiu sua tese da decadência, matéria de seu sonho e pesadelo. A ideia obsessiva de decadência começou a pairar em todos os ambientes, que respiravam um pessimismo anunciador do fim do mundo, do apocalipse no final do século (MUCCI, 1990, p.28).

O Decadentismo (sec. XIX-XX), se apresenta como uma postura artística que vaticina um mundo em ruínas, trazendo a tônica do desalento por um ambiente em perfeito

caos. Por conseguinte, inverte o natural pelo artificial, configurando em nevroses e estados sinestésicos como forma de obtenção de prazer por perversões. Destarte, insere um paraíso artificial, inaugurando polos divergentes que se tocam, o que permite a construção do belo artificialmente como forma de dar algum sentido à existência, já que segundo Baudelaire (BAUDELAIRE *apud* LEVIN, 1996, p.39), “o mal é inerente à humanidade, logo como solução a esse *zeitgeist* apocalíptico é a construção do belo”, como podemos conferir na própria fala do conde Drácula o seu desejo de propagar a decadência: “Estou ansioso para ir para as ruas repletas de gente de Londres, ver-me no meio do turbilhão da humanidade, compartilhar de sua vida, suas transformações, sua morte.” (STOKER, 2013, p.14). Nessa passagem podemos observar como o vampiro tem a sua intensão clara em levar ruína para a capital inglesa como nos assevera Martins (1997, p. 291-298):

[...] sendo Drácula um vampiro, suas palavras partilhar de sua vida... de sua morte... assumem um sentido claramente duplo, pois ele quer não apenas partilhar, mas também ser o predador em meio a esse novo rebanho. Ademais, a grande cidade seria o “terreno de caça” ideal: a anonimidade do indivíduo na grande cidade seria a proteção para o Conde.

Drácula quer tomar posse da vida e da morte no ambiente vitoriano, ou seja, deseja levar a mensagem da ruína sem ser descoberto, e a própria cidade de Londres já alinha com os seus anseios, pois, ela é o próprio exemplo da decadência.

Mais adiante, no momento em que o monstro já se encontra em Londres, logo inicia a construção de seu paraíso artificial:

Quando cheguei à entrada do cemitério, pude ver que havia uma forma comprida e negra inclinada sobre o vulto branco de Lucy. “Lucy! Lucy!”, gritei, horrorizada. Ela não se mexeu, mas, por trás dela, dois olhos ardentes e vermelhos me olharam. Corri, mas, durante algum tempo, perdi Lucy de vista, oculta pela igreja. Quando cheguei junto dela, achei-a sozinha. Estava ainda dormindo, respirando com dificuldade, e levou ambas as mãos ao pescoço, como que para fechar a gola. Atirei meu xale sobre seu ombro e o prendi com um alfinete. Mas parece que fui desajeitada, na minha pressa, pois ela tornou a levar a mão ao pescoço e gemeu. (STOKER, 2013, p.42-43).

Nesse excerto, o vampiro escolhe um lugar significativo para empreender o seu primeiro ataque em Lucy - um cemitério. Um ambiente que remete a morte e decadência. E essa escolha não foi aleatória, pois, metaforiza a transgressão e a sobreposição da morte sobre a vida. Além disso, no momento que o monstro promove o ataque e a construção artificial através do sangue e sexo, Lucy se encontra num estágio de sonambulismo, aproximando-se de um estado de quase morte, e estabelecendo com o monstro uma espécie de relação de necrofilia, o que infere ao culto artificial e ao sadismo, uma vez que, há uma total doação corporal ao ser decadente.

Outro ponto que merece destaque diz respeito ao estado intenso de excitação que toma conta do monstro no momento do ataque, como nos dizeres de Mina: “dois olhos ardentes e vermelhos me olharam” (STOKER, 2013, p. 42). O que torna explícito o papel do sangue como elemento de perversão em mãos decadentes, contrariando a valorização do fluído no *status quo*:

Por muito tempo, o sangue constituiu um elemento importante nos mecanismos do poder, em suas manifestações e rituais. Para uma sociedade onde predominam os sistemas de aliança, a forma política do soberano, a diferenciação em ordens e castas, o valor das linhagens, para uma sociedade em que a fome, as epidemias e as violências tinham a morte iminente, o sangue constitui um dos valores essenciais [...] (FOUCAULT, 1999, p.138).

Historicamente, o sangue é um elemento que estabelece alianças e manutenção de poderes contínuos numa sociedade pautada por convencionalismos. Esse líquido escarlate configura a perpetuação de alianças, pois, através dele temos o reconhecimento social. Ser aceito socialmente define os hábitos e rituais seguidos. Então, o sangue se constitui um elemento com função social e forjará todo e qualquer sistema de aliança e poder. No entanto, esse líquido de tão grande valor só poderá ser vertido - ou tê-lo a disposição - desde que siga adequadamente os códigos sociais normatizados pelo status quo. Portanto, o sangue sempre está inserido a uma função social, como também o sexo:

[...] Sade vincula a análise exaustiva do sexo aos mecanismos exasperados do antigo poder de soberania e aos velhos prestígios inteiramente mantidos do sangue; este corre ao longo de todo prazer- sangue do suplício e do poder absoluto, sangue da casta que se respeita em si mesmo e se derrama,

contudo, nos rituais maiores do parricídio e do incesto... (FOUCAULT, 1999, p. 139).

Sangue e sexo, domínio social institucionalizado legitimado- por contornos uniformizantes constituem elementos vinculados ao poder. Entretanto, se há reversão dessa ordem se transfigura o seu papel-, e consequentemente alcança níveis fronteiriços além do social. Neste contexto se inscreve o vampiro, criatura mítica que ameaça a normatização social por sua busca incessante por sangue e sexo, como podemos conferir no romance em estudo:

Na minha excitação, cortei-me ligeiramente com a navalha, mas, no primeiro momento, não notei o fato. naquele instante, vi que o corte sangrara um pouco e o sangue escorria-me pelo queixo. Abaixei a navalha e virei-me procurando alguma coisa para o sangue. Quando o Conde viu meu rosto, seus olhos chamejaram com uma fúria demoníaca e, de repente, ele estendeu as mãos para agarrar-me o pescoço. Virei-me, e sua mão tocou, o rosário que prendia o crucifixo. Isso acarretou uma mudança instantânea nele, pois a fúria passou tão rapidamente que mal pude acreditar que tivesse ocorrido (STOKER, 2013, p.17-18).

Nesta passagem, podemos perceber o valor do sangue para uma criatura transgressora, que ao deparar com um ferimento no pescoço de seu hóspede Jonathan Harker, se apossa de Drácula um estado de grande excitação, ao ponto de querer tomar para si aquele fluído que está sendo vertido. Configurando em um elemento que remete à dimensões sexuais e instrumentalizando o gozo do monstro. Além disso, neste mesmo trecho literário estabelece a cisão entre sexo legítimo e ilegítimo sob o contorno do sangue, pois, no momento que Drácula quer tomar posse do que deseja- o sangue de Harker- ele depara com o crucifixo no pescoço de sua vítima, representando a aliança do homem vitoriano com a sua sociedade legítima. Por conseguinte, Drácula se afasta horrorizado e sentencia: “Depois, agarrando o espelhinho prosseguiu: — E foi este maldito objeto o causador de tudo! É um ridículo instrumento da vaidade humana. Fora com ele!” (STOKER, 2015, p.18). Aí temos o crucifixo e o espelho, dois objetos que definem o homem na regulação: vaidade, moralidade, julgamento e punição, e por isso mesmo causa tanta repulsa ao ser decadente, uma vez que o ser decadente vivencia suas experimentações em um ambiente livre.

Diante disso, tanto o vampiro quanto o sexo ilegítimo não se categorizam e se estabelecem num ambiente entre fronteiras, como nos assevera Cohen:

Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação, E, assim, o monstro é perigoso, uma forma- suspensa entre formas- que ameaça explodir toda e qualquer distinção” (COHEN, 2011, p.30).

O monstro se reconhecendo como um constructo corporal e dual não permite se classificar por se encontrar num universo paralelo e autônomo repleto de estados sinestésicos e dicotômicos à assegurarem o seu prazer pelo sangue-sexo. O que se aplica a Drácula, um ser de fronteira que escolhe o isolamento como forma de não se categorizar e realizar as suas incursões artificiais.

Aquém da sociedade, a criatura constrói suas próprias linhas fronteiriças e ergue o seu paraíso artificial vinculado a sonhos, devaneios e simbolizações oníricas:

Em vez de usar o mundo exterior como parâmetro para a produção estética, o escritor prefere retirar de seu próprio imaginário os termos a serem recriados estilisticamente. Serão os sonhos, os paraísos, o vinho e as drogas [...] (LEVIN, 1996, p. 34).

Como o monstro se insere num espaço movediço e autônomo, ele recorre a sua própria subjetividade para a construção da artificialidade, resultando em um mundo onírico e em um estado sinestésico. Assim, o sangue é um condutor do prazer que ocorrerá no corpo bifurcado, no qual o gozo se realizará nesse espaço ilegítimo sem amarras reguladoras.

Portanto, dentro da normatização não há espaço para o corpo dual, então, é necessário que o monstro construa suas próprias fronteiras, conquistando seu espaço e ao mesmo tempo, dando vazão a todos os seus desejos. A realização do prazer ocorre por meio da artificialização corporal. Essa modificação do natural pelo artificial é inerente ao corpo monstruoso, já que a construção do paraíso sinestésico é plena de sensações.

Por conseguinte, a possibilidade de novas experimentações emerge a perversidades e estados alucinatórios de nevrose: “[...] Sadismo, das relações incestuosas e das paixões diabólicas, eram bastante comuns desde que retratassem estados de sensibilidade exagerada, às vezes perto da alucinação [...]” (LEVIN, 2011, p.37).

Dentro desse quadro, o vampiro aberto à novas experimentações a se saciar estabelece um confronto entre um mundo social e um mundo onírico. A intersecção entre

ambos conjugará em crises alucinatórias intrinsecamente relacionadas a uma forte sensibilidade.

De acordo com a significância do sangue, ele tem valor social e sexual devido ao seu caráter plurissignificativo, o que torna relevante uma postura decadente: Movimento estético que rejeita modelos e tradições clássicas (LEVIN, 1996, p.29), além de se contrapor à convencionalismos institucionais e político.

Assim, se instala uma atmosfera de decadência e pessimismo por esse mundo em ruínas. Escritores decadentes conscientes da propagação da doença social utiliza a vinculação desses temas em suas produções literárias com o intuito de construir um universo artificial impregnado de prazer, onde tudo é permitido e foge do controle regulador. Nesta artificialidade construída o gozo ganha contornos ligados a dor\ prazer, vida\morte. Por esse desdobramento a personificação do vampiro se faz presente por meio da tríplice: sangue\sêmen\sexo.

Nesse sentido, o ataque vampírico simboliza a realização sexual por meio de sensações e do sadismo, a busca por sensações configura o prazer pela dor. De acordo com o ideal decadentista o tédio com a sociedade de virada do século só pode ser superado pelas sensações, então, é o grau maior a ser atingindo, desprezando os meios. Como consequência há a perversão sexual com muita frequência o sadismo e o diabolismo:

De fato, Gautier, no prefácio a *Les fleurs du mal*, falava da perversão como uma consequência do culto à artificialidade:

O mal é inerente na humanidade, no entanto, a construção do belo artificialmente estabelece o bem[...] as sensações experimentadas são frutos do sadismo e diabolismo, e esse pleno gozo é manifestado por meio do artificialismo[...] (LEVIN,1996, p.39).

Dessa forma, no universo decadentista, o vampiro se instala como principal modificador do equilíbrio natural, pois ao mesmo tempo experimenta sensações sensoriais e sexuais por meio do sangue e sêmen, onde configura transgressão sexual e artificialismo tão presente no corpo do *flanerie*. Nesse contexto, o sangue e sêmen são propagadores da vida quanto da morte.

Em relação ao sêmen convém observarmos:

Galen acreditava que o sêmen era originado no cérebro e esta teoria foi espalhada em toda a Idade Média. Lemos no Bahir que a linha da medula espinhal vai do cérebro ao falo através do fluxo seminal. Semen simboliza os poderes da vida, e a vida humana pode derivar somente do que caracteriza o homem, seu cérebro, o lugar de suas próprias faculdades³

O sêmen sempre esteve relacionado ao poder masculino, racional e sexual, pois une cérebro e falo. Assim é o provedor da vida, mas também o propagador da decadência e da morte, pois, reúne em um único ser o estigma da dominação. A sua função vai muito além de enxertar, já que, diante de uma criatura decadente e vampírica, esse poder dominador é super intensificado, garantindo prazer sadista as suas vítimas, mas também destruição:

E, desabotoando a camisa, abriu uma veia no peito com suas unhas aguçadas e, enquanto me segurava pelos punhos com uma das mãos, com a outra segurou-me a cabeça e apertou-me a boca de encontro ao ferimento, de modo que, para não morrer sufocada, eu tinha que engolir... Meu Deus, meu Deus! Que fiz, para merecer tal sorte? Tende piedade de mim, meu Deus! (STOKER, 2015, p.106).

Aqui nesse trecho, temos o batismo de sangue, mas também do sêmen que se assemelhando á uma espécie de sexo oral na modalidade de felação, Drácula empreende prazer contaminado de perversão a mulher vitoriana Mina, como pontua Craft (2012, p. 125):

Se alimentar de Mina é duplo aqui[...] um “um ato simbólico de forçar felação” e de um cuidar lúgubre. Esta é uma cena de realização da felação claramente percebida na própria descrição de Mina... “Meu Deus, meu Deus! Que é claramente situado: A ejaculação verbal de Mina substitui o líquido do Conde,... sangue é sêmen também [...]”⁴ (CRAFT, 2012, p.125).

Fica evidente o poder dominador de Drácula nesta interação sexual com Mina, pois além de sugar o sangue vitoriano também a obriga compartilhar do seu sangue/sêmen, espalhando a ruína. Ocorre uma dualidade na alimentação do monstro. Sacia sua sede por

³ Galen believed that sêmen originated in the brain and this theory was widespread throughout the Middle Ages. We read in the Bahir that the spinal marrow stretches from the brain to the phallus and through it sêmen flows. Semen symbolizes the powers of life, and human life can derive only from what characterizes man, his brain, the seat of his own faculties (CHEVALIER, 1996, p.843)

⁴ For Mina’s drinking is double here, [...]” symbolic act of enforced fellation”, and a lurid nursing. That this is a scene of enforced fellation is made even clearer by Mina’s own description... “Oh, my God, my God!” is deftly placed: Mina’s verbal ejaculation supplants the Count’s liquid one... – blood is sêmen too.

sangue e sexo. Ambos domínios relacionados ao gozo, são responsáveis por derrubarem barreiras e promoverem o seu prazer em um ambiente artificial contaminado por perversões, como nesse caso, em que Drácula força uma relação sexual nada convencional aos moldes vitorianos da época, o que configura o culto da artificialidade:

Exilado em sua torre de sonhos, o decadentista, paradoxalmente sofre do *horror vacui*, abomina a solidão de que não pode fugir, povoa, então, de objetos essa solidão, usando o artifício de criar companhias para si mesmo, feitas à sua imagem e semelhança. Coletar coisas, cercar-se de objetos, parece ser próprio do ser solitário, insulado, que se constrói uma fortaleza, fictícia sem dúvida, mas que lhe dá segurança e afeto [...]. (MUCCI, 1994, p. 65).

Essas características celebram o ideal decadente, pois o monstro, se autodenominando um esteta, realiza uma cerimônia corporal através dos sentidos, e, ao tornar-se um solitário por escolha própria, cria um universo autônomo e artificial. Ao escolher a errância, um *locus* destituído de regulação, se isola e precisa desesperadamente construir formas alternativas de sentir prazer: os fluídos corporais, sangue\semen, propagadores da vida e da destruição.

Ao abdicar do mundo convencional, Drácula— um ser decadente que constrói um universo artificial repleto de perversões, prazer e sentido— transforma o seu próprio corpo em reduto de arte através dos fluídos, que passam a ser ideais a serem alcançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Fernando Monteiro de. Baudelaire, Byron e Lúcio Cardoso: A flânerie e o dandismo do vampiro. *Soletas*, São Gonçalo, v. 3 n. 05 e 06, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletas/5e6/04.pdf>> Acesso em: 17 dez. 2014.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A Aventura da modernidade*. Trad. Carlos Moisés e Ana Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionary of Symbols*. New York, Penguin Books, 1996.

COHEN, Jerome, Jeffrey. As sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2011.

CORVINI, Helena, Lima de. Quem tem medo de Oscar Wilde? : Vida como obra-de- arte. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais) 89 fls. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

CRAFT, Christopher. *Kiss with those Red Lips: Gender and Inversion in Bram Stoker's Dracula*. California: University of California Press, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: I- A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LEVIN, Messer Orna. *As figurações do Dândi: Um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MATINS, Alexandre Sobreira. *Drácula: Um flâneur na Londres Vitoriana: O Vampiro no imaginário vitoriano e o ambiente da grande cidade do fin- de-siécle*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MUCCI, Isaias, Latuf. *Ruína e simulacro Decadentista: Uma leitura de IL Piacere, de D'Annunzio*. Rio de Janeiro, ED. Tempo brasileiro, 1994.

SILVA, Alexander Meireles. Introdução. In: COSTA, Bruno (Org). *Contos clássicos de vampiros: Byron, Stoker e outros*. São Paulo: Hedra, 2011, p. 9-40.

STOKER, BRAM. *Drácula: o homem da noite*. Trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Recebido em 10/08/2015.

Aceito em 29/08/2015.